

Correio de Nisa

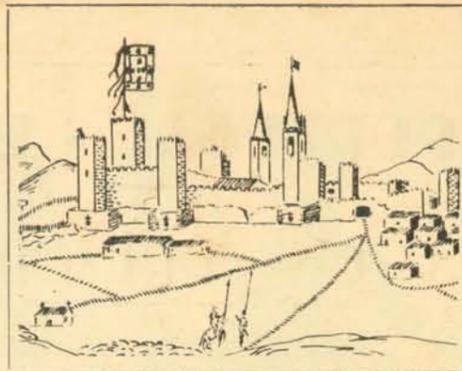
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
OFICINAS GRÁFICAS DA TIROGRAFIA NISENSE



CITAÇÕES COM HORA CERTA

Um artigo de jornal não se adapta com frequência à índole académica de grandes citações, não só porque o público o detesta, como também porque se tornaria indispensável que o articulista fosse catedrático de coturno.

A maneira de ser dos povos modernos, sujeitos a tropelias sociais de toda a casta, só admite a frivolidade, quando não a afirmação ôca de espírito, resumando corriqueiro materialismo.

Já lá vai o bom tempo, em que se estudava a valer, com a consciência dos factos a delimitar-se na moldura do espírito.

Hoje, ou as grandes frases que, à força de tudo quererem explicar, nada explicam; ou os decálogos alheios, nunca compreendidos.

Toda a preocupação é fazer barulho, gritar, pretendendo-se dominar, assim, com o argumento dos pulmões os argumentos do saber.

Quem mais grita é quem melhor e mais rapidamente se convence... de que vence.

A serenidade da investigação nas fontes, a crítica comparativa dos documentos, a dedução lógica das ideias, tudo desapareceu em certa camada social, e é declarada excepção, quando miraculosamente surge, por anos de el-rei.

Recorre-se à ciência de ouvido, ao lento decorar de catálogos, em exposições que deslumbram ignorantes e, às vezes, elevam à "celebridade" um ou outro idiota mais atrevido.

Por tudo isto e mais ainda que o espaço não comporta é que os artigos dos jornais têm forçada e estupidamente que fugir à informação científica e às citações académicas.

O ideal era haver para cada Aníbal o seu Marcelo e para cada Cartago o seu Sagunto.

O artigo, ao contrário do que o grande Vieira cita para os sermões, há-de ser só varas, ou só folhas (secas) ou só troncos sem seiva. Tudo frutos é que não pode ser, para não redundar numa vil concorrência desleal às colarejas da antiga Praça da Figueira.

Por tudo isto é que muita gente se enfada com citações para reforçar argumentos ou para esclarecer critérios.

É histórico e incontestável que a citação provém do princípio do mundo; e, por isso mesmo, a própria zoologia nos fala da celeberrima maçã de Adão, fruto bastante indigesto, em certas circunstâncias.

E citações fazem-se a toda a hora, a cada momento, porque o homem vive do que foi, para o que há-de ser; recorda o passado para demandar o futuro, aponta os mestres para reforçar as lições; e só não os cita quem não os teve.

Entretanto, a vida continua a acusar a "apagada e vil tristeza" de que falou o poeta, com fortes presunções duma sequência futura, para autosugestão de um ou outro idiota mais atrevido, sempre pronto a mostrar "ciência", a hora certa... de encontro com outros cientistas de igual mérito.

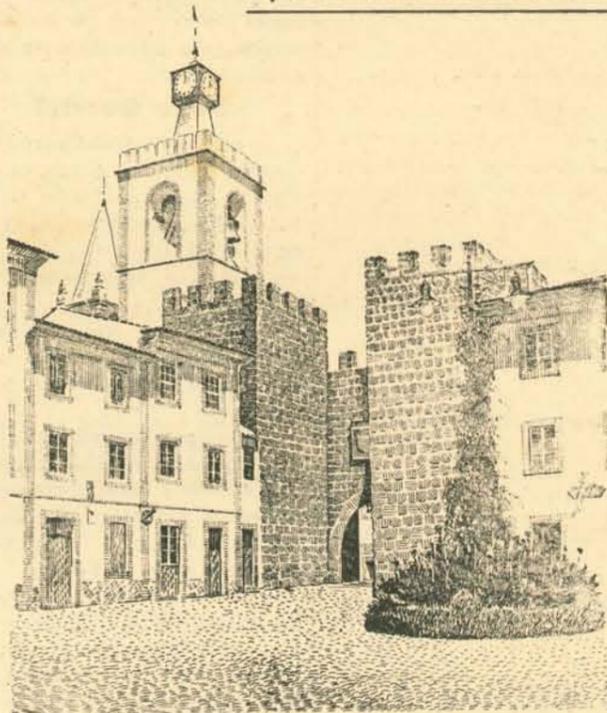
MAIS UM DISTINTO COLABORADOR

Publicamos hoje, noutra lugar, a formosa composição "O Dia em que Nascestes" de que é autor inspirado poeta e pessoa distinta.

Perante a proibição expressa de revelar seu nome, o que com muito custo cumprimos, não podemos entretanto deixar de confessar, sinceramente, que se trata de categorizado vate, cujas produções, segundo as normas deste jornal, foram por nós solicitadas.

Muito gratos pela honra que nos concede; e mais uma vez se verifica que "as musas não fazem mal aos Doutores".

Portugal Monumental



A PORTA DA VILA, restos venerandos dum passado que não morre, apesar da sanha iconoclasta de certa época histórica que pretendeu apagar as belezas dos bons tempos de outrora. O Doutor Motta e Moura, na sua prosa gongórica, e por vezes enigmática, diz que consta de "um arco, sobre o qual estava um largo parapeito entre duas torres, que a defendiam; no meio do arco, da parte de dentro e sobre o cume do portado está o retrato da Virgem da Conceição, em um pequeno nicho com um letreiro, que revela o ano em que foi colocado".

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, procedeu, há cerca de vinte anos, a obras de reintegração e de restauro, apagando assim várias incongruências que a ignorância ali tinha ridiculamente produzido.

Centro de toda a vida nicense, a Porta da Vila é para todos uma jóia de tradições e um símbolo de dignidade. Mas falta-lhe a imagem da Virgem, que foi grande erro retirar.

FALANDO DE CAÇA

Caçar é prática remota que se perde na noite dos tempos. O homem primitivo caçava, por imperiosa necessidade alimentar; e muitos reis e imperadores, testas coroadas de todo o mundo, foram fervorosos devotos de Santo Umberto. É, sem dúvida, o exercício mais completo até hoje conhecido; e grande número de adeptos o praticam, há muitos séculos.

Hoje, com a caça quase extinta, ainda o homem de nossos dias não perdeu de todo o entusiasmo pelo que foi sempre curioso e apaixonante desporto.

Nalguns jornais de grande expansão e noutros meios informativos, têm-se feito apelos e informado o país da impressionante falta de caça. Todos nós, os

caçadores, sabemos, de há anos para cá, desta crise.

Possui o nosso país 150.000 caçadores, número apreciável para um desporto que perdeu o que de mais interessante e emotivo possuía: "caça". Sem este factor indispensável, o desporto a que nos referimos, perdeu todas as virtudes, está na agonia; e assim caminhamos de ano para ano, esvaindo-se toda a atração e entusiasmo que conquistou nos séculos passados.

De muito novos começámos a interessarmo-nos por este divertimento; tão novos que nosso avô materno, por várias vezes, nos auxiliava a transpor uma parede mais alta ou uma barroca mais larga.

Queremos com isto significar que caçamos desde

1912; e temos praticado este nosso desporto favorito até aos dias de hoje.

No decorrer deste longo espaço de tempo (já lá vão 53 anos), calcurriando montes e vales, pelo nosso e outros concelhos, alguma coisa anotámos sobre a caça. E, ao falar de caça, recordamos com imensas saudades, tantos bons amigos e companheiros que a morte já ceifou.

Como os recorde a todos! Que suas almas repousem em eterno descanso.

O problema da caça julgo que poderia já estar resolvido com um pouco de boa-vontade, sempre indispensável nestes assuntos.

Esta riqueza perdeu-se, como já afirmámos, apesar de todos os alvitres e apelos, feitos por vários meios

NECEDADES De El-Rei Dinheiro



Há pouco tempo, numa cidade próxima, entrando-se em câmara de trabalho, que gentilmente nos franquearam, deparámos com elegante escrevaninha que, por contraste com todo o outro mobiliário, logo nos provocou a atenção.

Limpa e cuidada, com os seus amarelos rendilhados nas argolas dos cómodos gavetões, o curioso móvel atraíu-nos e criou logo em nós um forte desejo de a abrir, de a devassar.

Há nestas testemunhas artísticas do passado um ar de mistério que nos sujeita e que nos prende. É que elas foram confidentes duma vida que não vivemos mas que em nós existe em forte latência espiritual.

Sobre a encantadora obra de arte, um relógio também antigo, mas, sem dúvida muito mais recente, compunha um todo harmónico e distinto, prova de bom gosto, daquele gosto

(Continua na página 4)

Este número
foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL

OS PRÍNCIPES

Por AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Tudo é inexistente, disseram os príncipes deitados na areia.
E veio o grande pálio aberto e se estendeu sobre o céu sem manchas.
Destroços, ruínas, podridões ameaçavam desabar.
E veio o lírio boiando brando e manso.
O mar ficou alto e agressivo,
Os barqueiros cantaram remando.
E tudo se encaminhou implacavelmente para a noite mais próxima.

Tudo é inexistente, disseram os príncipes deitados na areia;
Ninguém atingirá a última noite,
Porque virão sempre outras noites
E os mesmos pássaros ficarão espalmados no ar.
Mas os barqueiros tinham sede
E correram com os príncipes.
Mas os barqueiros tinham fome e mataram os príncipes.

O lírio veio boiando docemente
E era a filha do rei
E era a única irmã dos príncipes mortos.
E o lírio ficou no sangue dos mortos como a gota de orvalho na rosa nascida.
Os barqueiros ficaram escravos do lírio
E o seguem de joelhos chorando no deserto.

Câmara Municipal de Nisa

Plano de Actividade para 1965

(continuação do número anterior)

TRABALHOS A INICIAR

Se nos forem concedidas as respectivas participações, contar-se-ão os seguintes trabalhos:

- 1) Construção do C. M. da E. M. 528 à E. M. 528, por Vila Flor — terraplenagens;
- 2) Construção do C. M. da E. N. 118 (Lameirancha) a Castelo Cernado — limite do concelho de Gavião — terraplenagens;
- 3) Reparação da E. M. 526 — troço da Estrada da Circunvalação em Nisa, desde a E. N. 18 (Dafundo) às Portas de Montalvão;
- 4) Construção do C. M. 1139, de Montalvão ao Rio Tejo (Barca de Perais), pela Sr.^a dos Remédios e Lomba da Borca;
- 5) Construção do C. M. 1005, do Pé da Serra à E. N. 359 (Casa dos Cantoneiros);
- 6) Construção do C. M. ligando o Monte do Duque ao Monte do Arneiro, pelo cemitério velho.

ARRUAMENTOS E

PAVIMENTAÇÕES

Trabalhos a prosseguir

- 1) Construção da Avenida e ruas de acesso ao Hospital de Nisa;
- 2) Construção da nova sacristia da Igreja do Calvário, que substituirá a que foi demolida por motivo da construção da Avenida;
- 3) Pavimentação do recinto em volta do Mercado Municipal;
- 4) Construção da rua de acesso ao novo edifício escolar de Nisa;
- 5) Arranjo da entrada poente do Monte do Pardo.

Trabalhos a iniciar

Se, igualmente, nos forem concedidas as respectivas participações,

procuraremos dar início aos seguintes trabalhos:

- 1) Reparação da Rua do Depósito das Águas, em Nisa;
- 2) Abertura de alguns arruamentos previstos no Plano de Urbanização de Nisa;
- 3) Urbanização da Praça do Município;
- 4) Arranjo da Praça da República e do Largo de S. Pedro, em Montalvão.

PATRIMÓNIO MUNICIPAL

Sua conservação

Procurar-se-á, como aliás nos compete, conservar e beneficiar, como melhor puder ser, todo o património municipal, quer constituído por edifícios, estradas e caminhos, fontes, marcos fontanários, lavadouros, bebedouros, arruamentos das povoações, pontes, aquedutos, etc.

Edifícios

No que se refere, propriamente, a edifícios, diligenciaremos o seguinte:

- 1) Reparar o edifício escolar de Alpalhão (tipo Adães Bermudes) — se o não for por intermédio da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias;
- 2) Reparar o edifício escolar de Tolosa (do mesmo tipo) — se o não for por intermédio da mesma Delegação;
- 3) Conservação, reparação e beneficiação dos Paços do Concelho;
- 4) Reparação, beneficiação e ampliação do Matadouro Municipal;
- 5) Reparação, beneficiação e ampliação da Casa de Matança de

- Alpalhão;
- 6) Beneficiação e conservação das Casas de Matança de Amieira do Tejo, Arez e Montalvão;
- 7) Beneficiação e ampliação das instalações das Águas da Fadagosa;
- 8) Reparação e conservação de edifícios escolares;
- 9) Reparação e conservação dos restantes edifícios municipais ou sob a administração do Município.

SERVIÇO DE INCENDIOS

Se as nossas condições financeiras se modificarem para melhor, como esperamos, contamos melhorar estes Serviços, adquirindo um novo pronto-socorro e outro material que for possível, pois não ignoramos que as coisas que lhe dizem respeito não estão decorrendo da melhor forma.

Novo Quartel

E como o actual Quartel não dispõe das mínimas condições para o efeito, procuraremos, se tal nos for possível, modificar este estado de coisas, de forma a colocar Nisa no lugar que, neste aspecto, lhe compete.

Sabemos que não será tarefa muito fácil de resolver. Mas como acontece com tudo, há que começar...

Vamos por isso procurar estudar a forma de adquirir o terreno para o efeito e mandar elaborar o respectivo projecto, a fim de podermos solicitar a indispensável participação do Estado.

Entretanto e como já referimos no Plano de Actividade do ano em curso, prosseguiremos as diligências necessárias para a criação de uma Associação de Bombeiros Voluntários, a exemplo do que acontece em todas as vilas vizinhas.

OFICINA DE AFERIÇÕES

Depois de instalados os Serviços Municipalizados no edifício do velho Hospital que a Câmara deliberou adquirir à Santa Casa da Misericórdia, depois de obras nele realizadas, esperamos instalar também naquele edifício, numa dependência do rés do chão, no próximo ano, a oficina de aferições, adquirindo-se para o efeito o material que nos for possível.

BIBLIOTECA E MUSEU

Continuaremos as nossas diligências para dar à Biblioteca Municipal "DOUTOR MENDES DOS REMÉDIOS" uma instalação condigna, assim como ao Museu Etnográfico que desejaríamos fosse instalado em dependência anexa à Biblioteca.

(Continua no próximo número)

Aniversários

Fazem anos no mês de Fevereiro os seguintes estudantes: Maria da Conceição Beato Bastos Teixeira; Ana Maria Vivas Polido; Maria Fernanda Ribeiro Farinha; Rui Correia de Sousa; António José Mendes Ramalhe; José da Cruz Moura Maia; Joaquim da Cruz Mendes Pestana.

QUEM CANTA

O papel, em que te escrevo, sai-me da palma da mão, a tinta sai-me dos olhos, a pena, do coração.

O Cinema Português CONTINUA...

— Anuncia-se para breve a estreia do filme de Manuel Queiroga "Um cão e dois destinos" de que são intérpretes, entre outros, os artistas Leónida Mendes, Emílio Correia e o já popular "Farrusco".

— Em fins de Fevereiro ou princípios de Março, deve aparecer também o anúncio da primeira exibição da película "A Voz do Sangue" — Para o filme de Perdigão Queiroga, "O Engano", fala-se de Florbela Queiróz para protagonista.

— O locutor Miguel Simões também participa no filme "Férias no Algarve".

— Numa produção da "Cinedex", vai ser filmada a biografia do compositor Raul Portela, que no cinema terá o título de "Lisboa Antiga".

— "Sinal 100" é o nome do próximo filme de Artur Duarte. A fita é inspirada na famosa odisseia do cruzador "Augusto de Castilho", durante a Grande Guerra e na figura do seu comandante, Carvalho Araújo.

(Do "Clube das Estrelas")

UM ASTRO QUE MORRE

Faleceu no querido Pais-Irmão Augusto Frederico Schmidt, grande poeta dos nossos dias. A sua vasta obra é daquelas, como afirma Alberto de Serpa, que podemos julgar do nosso tempo e do que vem.

Em homenagem à memória do vate, publicamos hoje "Os Príncipes" que é, para quem saiba "lêr", uma verdadeira obra prima, de profunda e delicada inspiração.

DIVERTIDAS ADIVINHAÇÕES

Mais antigo do que o céu, junto ao nada meu irmão, vivi desde a eternidade até do mundo à criação.

Hoje ainda vivo e reino em que virtudes pregôa, co'a mais sublime eloquência quando mudamente soa.

Os ouvidos não me escutam, nem olhos me podem ver; sempre ao longe dos tumultos, o sossêgo é meu prazer.

"O Correio de Nisa" vende-se na Tip. Nisense

Falando de Caça

(Continuado da página 1)

quase absolutos da caça existente em Portugal; e dela fazem (com algumas excepções) negócio rendoso.

Num jornal de grande tiragem, já vimos um anúncio nestes termos: "Vende-se a caça da herdade X por cinquenta contos".

Esta afronta, a que poderíamos dedicar justo adjectivo, é sentida pelos 150.000 caçadores. O privilégio destes beneficiados, por outro lado, já que constitue um superluxo, ainda os afasta do imposto de consumo, que os caçadores pagam na aquisição de armas e munições.

A França cede a grupos de caçadores, proprietários ou não, essa concessão, em terras incultas, repovoando-as; e ali praticam o seu desporto. Deste modo, têm caça para o desenvolvimento e prática do respectivo desporto, do que se orgulham — e com justa razão — os caçadores franceses.

A veda das herdades seria aceitável em prédios devidamente murados. Em terras abertas, não se justifica. No geral, as áreas privilegiadas não têm alimento para os milhares de animais que aumentam de ano para ano; e a indispensável alimentação é procurada pelas várias espécies, a quilómetros de distância. Em todos os concelhos, numa área determinada pela C. V. Concelhia, com o dístico "Reserva de Caça", seria providência tão útil como desejada. A continuarmos neste ritmo de desapego à causa é de esperar vermos os caçadores portugueses a caminho de Espanha ou França, para poderem praticar o seu desporto favorito.

ANIBAL GOULÃO

Dr. Carlos Bento

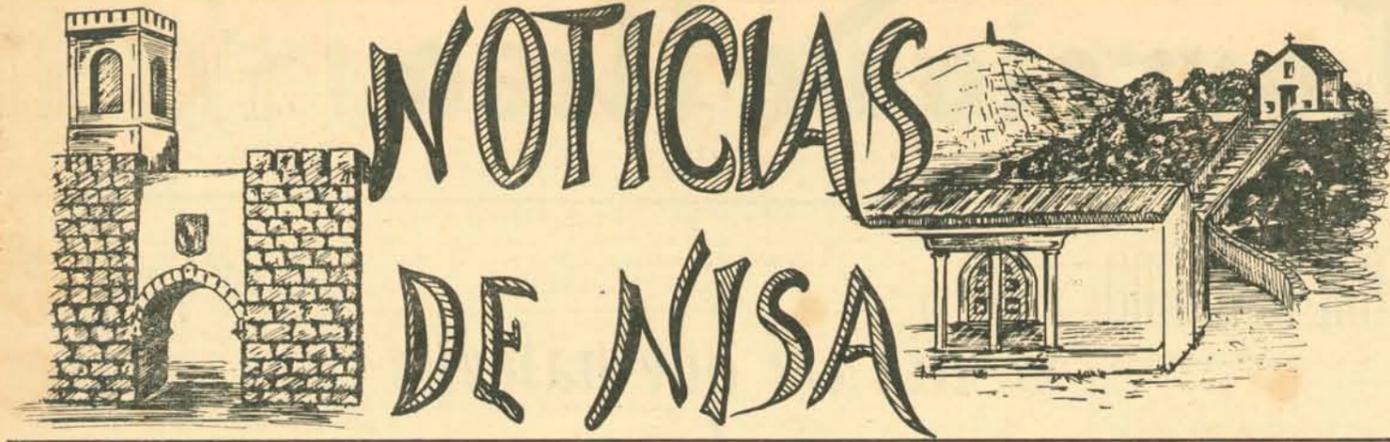
Com o criterioso artigo que publicámos no último número, retomou a sua colaboração no nosso jornal o Sr. Dr. Carlos Bento, digno professor em Castelo Branco e pessoa de sólida cultura, cujos trabalhos intelectuais exornam as páginas do "Correio de Nisa".

Trata-se, pois de mais um categorizado colaborador a quem apresentamos cumprimentos e nos confessamos gratos.

VERDADES

DE SEMPRE

Mais vale pedaço de pão com amor que galinha com dor



OÍ OJ' EU CANTAR D'AMOR,
EN UN FREMOSO VIRGEU...

N. Senhora da Graça

Por uma destas manhãs esplendentes que bem justificavam o dístico de "L' HIVER AU Portugal", visitámos mais uma vez, solitários, a solitária mansão de Nossa Senhora da Graça.

As multidões afastam a contemplação. O isolamento e o silêncio são as grandes linguagens de falar com Deus e com a Virgem.

Já ali não fâmos há anos.

E foi por entre a surpresa e o pasmo que muito de novo se nos deparou, naquela santa paragem, onde os corações dos niseses têm seu altar.

Na ermida, o pavimento do côro que era de tijolo, assente sobre velhas traves, foi substituído por sólida placa de cimento, devidamente estucada; a porta, a janela e as frestas, tudo reparado e pintado de novo; o sino com novo cabeçalho.

No adro, muros novos ou reparados, com bancos de alvenaria, parreiros de crentes e contemplativos. As paredes, correspondentes ao caminho para a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, tratadas com esmero. Cuidada reparação se executou também nas casas da hospedaria. Aqui, os telhados foram igualmente objecto de várias obras de consolidação e restauro. Há novas árvores plantadas, entre as quais avultam as oliveiras que, de futuro, darão o azeite com que as mães dos homens irão alumiar a

Mãe de Deus.

E tudo isto — o soubemos depois — devido à benemerência dum digno niseense, cuja modestia ordena que seu nome calemos.

Bem haja o prezado Amigo que abriu sua bolsa, pròdigamente, para tão dignos trabalhos que elevam o espírito e que definem a bondade de um coração generoso.

"O que diz de nós"

"A Rabeca"

IMPRESA

«CORREIO DE NISA»

Em segunda série, volvidos 18 anos, passou a publicar-se, na vila de Nisa do nosso Distrito, este jornal de informação e cultura, sob a direcção do sr. dr. Abel Monteiro, conceituado advogado naquela comarca.

Agradecendo a sua visita, gostosamente acedemos à permuta com os votos de longa vida ao serviço do lema que se propõe seguir.

SERVIÇOS DE LIMPEZA

Da rua do Depósito da Água começaram a desaparecer as imundícies. Agora, então, depois das lavagens naturais pelas primeiras chuvas, aquela artéria encontra-se limpa, para o que bastante contribue o bom critério da vizinhança.

O DESAFORO CONTINUA

Redobram de dia para dia o atrevimento e o desaforo da gaiatada, sem que providências se tomem contra tão lamentável estado de coisas... e de pessoas. Lançados na rua, ao acaso, entregues a si próprios, praticam todos os desmandos possíveis, destruindo em sanha tigrina o que se lhes depara mais praticamente vulnerável. As pedras sibilam, pondo em sério risco a vida de quem passa; os vidros de portas e janelas voam em estilhaços, os improperios ressoam aos ouvidos de todos, sem distinção, sem o mínimo laivo de pudor.

Polícia, não existe; e o desaforo continua.

Até quando?

Sinalização

Consta que vão ser colocadas placas de sinalização, no troço da rua do Doutor Oliveira Salazar que compreende a parte mais elevada da referida via, atendendo-se à proximidade do Colégio. É providência muito para louvar.

Governador Civil do Portalegre

A tratar de assuntos de interesse para o Concelho, esteve em Nisa o Sr. Governador Civil do Distrito.

Uma Triste Notícia

Chega-nos a informação de que foi entulhado o antigo poço da Rua do Fundo. Também nos dizem ter sido destruído o respectivo rebordo.

Vamos observar o local e, verificando-se o desacato a uma obra venerável do passado, não poderão ser lisonjeiros os adjectivos a empregar em artigo de fundo, no nosso próximo número.

MAU CAMINHO DO BOM CAMINHO

A estrada de Nossa Senhora da Graça, desde a Porta de Montalvão à Capela de São Lourenço, encontra-se em estado deplorável. Impõe-se, por isso, uma reparação urgente, tão urgente quanto o permitam as possibilidades materiais, indispensáveis para tais dispêndios.

NEÓFITOS

Foram baptizados: António José Carita Ramos Corga, filho de José Carita Corga e de Maria da Graça da Cruz Ramos; Maria da Graça Caldeira Martins, filha de João Maria Martins e de Júlia Martins Caldeira; Filipe Manuel Louro Carita, filho de João Maria Melato Carita e de Maria Manuela Louro Filipe. José Maria Venâncio Semedo, filho de Manuel da Graça Semedo e de Maria do Rosário Venâncio.

CASAMENTOS

João Maria Paralta Maia com Josefa da Cruz Louro Polido. O nubente é filho de José da Cruz Maia e de Maria José Paralta. A nubente é filha de Luis Curado Polido e de Emília Polido Louro; foram padrinhos João da Cruz Maia e Cesar de Oliveira Moraes de Almeida.

João da Cruz Barra com Maria da Silva Mendes (viúvos de 71 e 55 anos).

Rev. Padre Graça

Iniciou no princípio do mês corrente funções docentes no Externato de D. Dinis o Sr. Padre Joaquim da Graça Grave.

A MORTE

Camila Dinis Correia, viúva, filha de João Correia Charrinho e de Maria José Temudo.

"A CIGARRA E A FORMIGA"

Com amável dedicatória, recebemos um exemplar deste trabalho de mérito, de que é autor Carlos Tomás Cebola, niseense amante da sua Terra que no domínio do ensino a sabe dignamente honrar. Agradecemos ao presado e antigo discípulo a gentileza da oferta, registada com o relevo devido.

AQUI BEM PERTO — A DOIS PASSOS

Colaboração de — ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO e ANTÓNIO BENTO

«Ah, pudesse eu voltar à minha infância...!»

Salve querida Nisa, ó minha mãe!

João António da Silva Caldeira

O NOSSO VELHO EUCALIPTO

Neste artigo, dedicado aquela velha árvore do Rossio, vai um pouco da minha alma e estou certo que a sua comunicabilidade também vos há-de tocar, pelo que representa para todos nós.

Não é decerto um monumento inegalável ou original a examinar, mas no fundo ele é maravilhoso pelo que envolve e emprestando-nos a sua presença, contemplamos, retrospectivamente, todo o nosso passado de meninos. Parece-me útil que esta singela recordação nos traga um sentimento de convicção dos laços indestrutíveis de amizade que ali criamos e ainda hoje perduram. — Foi à sua sombra amiga que se juntaram os Graças, os Ribeirinhos, os Piedades, os Caritas, os Caldeiras, os Reisinhos, os Louros, os Dinis... — e todos pela primeira vez contemplámos a velha escola em obtusa interrogação.

O Senhor Professor dava o sinal de entrada — e com a sacola numa das mãos e o boné na outra, lá nos fâmos sentando, muito encostados.

— Levantar! — Ordenava o mestre, mirando as novas caras, como que procurando adivinhar o que dali lhe sairia!

— Primeiro do que tudo, quero dizer-vos:

— É aqui que se aprende a ler — e mostrando o livro que segurava numa das mãos, exclamava:

— Este é o vosso primeiro livro!

— A E I O U.

— Foi o nosso primeiro hino de amor e naquela sala nos irmanamos em humilde comunhão de sentimentos. Daí a pouco, já todos nos conhecíamos de há muito e conosco estava o NOSSO VELHO EUCALIPTO que nos mirava através dos vidros das janelas!

Mais afoitos, iniciámos os ensaios da fisga, do monta cavalo, do pincho e aquela velha árvore era sempre a nossa companhia ideal.

Voluntariamente ali construimos o nosso palácio de ilusões e dali nos transportámos à viva lição da vida, de riso e pranto...!

— Não temos bibliotecas ou obras que nos indiquem o que desejaríamos anotar quanto aos seus anos, mas apenas, que todos os que são vivos se lembram de o conhecer assim. — Por ali passaram gerações da nossa Nisa e não podemos contestar que todos ali descansámos um pouco, como no cumprimento de uma obrigação.

Estivemos todos ali — mas todos! Desde os mais ilustres aos mais simples, todos fomos dêle, velhos ou novos, de uma maneira ou de outra.

E ao contemplar aquela velha árvore tão nossa, duma ternura tão menina, apenas digo:

— Se fosse celebrado o dia da Escola, ela seria o monumento real e vivo que eu escolheria para depor uma coroa de flores em memória dos que por ali passaram em nobre ansiedade de sacrifícios, para formar esta linda Côte das Areias!

Nisa, Fevereiro de 1965
ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO

A ESCOLA E A ÁRVORE

A Alma é livre!

A Esperança — enorme!

O Mundo é nosso

— de quem não dorme!

É o velho professor, austero e grave,

em voz profunda e, ao mesmo tempo, calma,

pergunta lá do fundo:

— Sabeis, acaso, onde se encontra o Mundo?

— Sabeis, acaso, onde se encontra a Alma?

É, balendo no peito, o professor,

na sua velha vez, indaga:

— Aqui?!

Aparenta a velha árvore no terraço

e clama, belo e remoçado:

— Ali?!

Aqui! Ali!

Ah! sim! Por isso...

a Alma é livre!

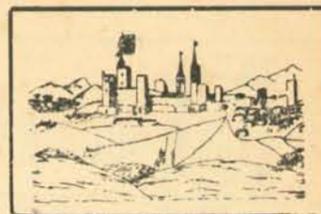
a Esperança — enorme!

o Mundo é nosso

— de quem não dorme!

Em 12-2-965

ANTÓNIO BENTO



NECEDADES DE EL-REI DINHEIRO

(Continuado da página 1)

que sabe equilibrar os conjuntos, fornecendo-lhes requinte e beleza.

Cedendo ao ímpeto forte, aproximámo-nos do móvel, impecavelmente encaixado, apenas com dois defeitos visíveis: um conserto embutido sem arte e a falta de madeira, na parte lateral direita da gaveta inferior, resultado, com certeza, de pancada brutal, que assim arrancou à velha escrevaninha uma cunha tão grande desse espelho.

Já devia ter-se reparado aquela nobre relíquia de outros tempos, quando a arte do mobiliário atingiu requintes de beleza, de graça e de espiritualidade. Mas, no entanto, mesmo assim, defeituoso e mutilado, é ainda um belo móvel. O que se tornava urgente era o restauro indispensável, apagando a imperfeição e reparando a falta. Para isso, era necessário procurar artista de mérito que soubesse compor, genialmente, as várias tonalidades da madeira, obra delicada e difícil mas não impossível. Em consertos de certa natureza, não basta limitar o trabalho a afeiçoar madeira. Impõe-se um tacto finíssimo, de modo que o conjunto não se quebre nem manche com uma providência que, em vez de constituir restauro, resulte fatalmente num trambolho.

Entregávamos a observação a estes problemas, quando nos interrogaram:

— É bonita; não é?

— Sem dúvida, muito bonita e muito boa. Pena é que tenha estas faltas.

— Pois bem! Isso ainda não é tudo, porque o pior não está à vista. Sempre que entra aqui alguém que aprecie mobiliário antigo, a exclamação é a mesma. Mas é preciso que a observemos só por fora. Abri-la é uma decepção e uma revolta.

E abrimos cuidadosamente a velha escrevaninha, levantando o tampo inclinado, que fizemos apoiar nos suportes, já puxados para fora.

Que grandíssima patifaria! Que completa bestialidade!

Os artísticos escaninhos, o cofre de segredo, duma espiritualidade requintada, que constituem toda a beleza interior destes móveis, estavam substituídos por míseráveis gavetinhas de pinho, lembrando a miniatura dum ossário municipal ou a ciência tibio-társica dum sábio de província.

Concluimos, num desalento, numa revolta:

Que insensibilidade a de certa gente presunçosa!

Dinheiro, só dinheiro... e nada mais!

E retirámo-nos, com o anfitrião, para se ir afogar em compota e malvasia o profundo desgosto artístico.

DE CAPA E BATINA

Num frio dia de inverno, passeava o Doutor Assis na Livraria Pires, à Sé Velha, puxando com fúria o fumo dum paivante.

Passa o Doutor Garcia de Vasconcelos:

"Então colega, que se faz?"

E o Mestre, sem se deter:

"Por aqui, a fumar um cigarro, para aquecer os pés..."

(Do "Livro do Doutor Assis")

Iremos extraindo da vasta bibliografia tradicional coimbrã alguns dos exagêros extravagantes, atribuídos aos lentes mais ilustres da velha Universidade, porque assim se poderá elevar o espírito dos sorumbáticos de hoje, com a graça gentil da mocidade de ontem. É uma espécie de "licor de energia", para os que já nasceram velhos...

Couto, L.^{da}

Desta conceituada firma do Porto recebemos um artístico calendário de parede para o ano corrente. Faz o reclamo da afamadíssima "Pasta Medicinal Couto", de grande consumo em todo o País. Agradecemos a gentileza da oferta e desejamos àquela Casa as maiores prosperidades.

Na Tipografia Nisense

recebem-se anúncios e assinaturas para este jornal

O dia em que nasceste

O dia em que teus olhos se abriram, e rosas desfolhando-se lançaram macio berço

onde a brisa te embalou...

o dia em que às aves seus trinados roubaste

nos gorgeios que tentavas...

o dia em que tuas mãos, conchas pequeninas, buscaram sonhos

no tule do teu berço de rosas...

o dia em que teus lábios se abriram em sorriso de anjo

na névoa da manhã...

o dia em que tu nasceste:

— nas rosas

— nas aves

— nas conchas

— nos anjos

O dia em que tu nasceste

E a brisa te embalou!...

M A R

De "O Meu Caderno"
(inédito)

Correio de Nisa de 20/2, 1965

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE NISA

a cargo do notário licenciado em Direito

Doutor José Augusto Fraústo Basso

CERTIDÃO NARRATIVA

MARIA TOMÁSIA DA CONCEIÇÃO ALFAIA, terceira ajudante do Cartório Notarial do concelho de Nisa:

— CERTIFICO, para cumprimento do disposto no artigo 97, número três e artigo 108 do Código do Notariado, que no dito Cartório Notarial, no livro de notas para escrituras diversas número 123 A de folhas 30 a 36, se encontra exarada uma escritura outorgada em 15 de Fevereiro de 1965, pela qual os justificantes Joaquim Mendes Louro, empregado de escritório, e sua mulher Graciete da Purificação Barreiros Matias Louro, ele natural da freguesia de Evora, e ela natural da freguesia de São Mamede da cidade e concelho de Évora, ambos moradores na referida cidade de Évora, se declararam com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores de um prédio urbano situado na rua Julio Basso (antiga rua do Outeiro) com os números 25, 25 A e 25 B, e na rua Lourenço Dinis (antiga rua do Curral) com o número 2, na freguesia

do Espírito Santo da vila e concelho de Nisa, a confrontar pelo poente com a dita rua Julio Basso, pelo norte com a aludida rua Lourenço Dinis, pelo sul com a travessa Julio Basso e pelo nascente com prédios de Maria Rascão e outros, ainda não totalmente descritos na Conservatória do Registo Predial de Nisa, mas do qual fazem actualmente parte os prédios na mesma Conservatória descritos sob os números 602, a folhas 104 verso do livro B 2.º Comarca, e 4.749, a folhas 198 verso do respectivo livro B 12 e o qual se encontra actualmente inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo 1.794, e esteve antes inscrito na mesma matriz sob o artigo 1.645, com o valor matricial total de 141.120\$00, e ao qual eles outorgantes atribuem o valor de 130.000\$00;

Pelos mesmos Joaquim Mendes Louro e mulher foi mais declarado: Que do mesmo prédio urbano atrás confrontado faz parte uma antiga morada de casas térreas na rua do Curral ou Lourenço Dinis que confrontava pelo nascente com casas de Felismina da Conceição Rascão,

pelo poente com casas de Joaquim Curado Polido, pelo norte com a dita rua Lourenço Dinis e pelo sul com casas de José da Piedade Pires, que estava inscrita na matriz predial sob o antigo artigo 662, que hoje se encontra anulado por haver sido incorporado naquele dito artigo 1645 e depois no actual artigo 1794, e a qual morada de casas tinha o rendimento colectável de 189\$00 e está ainda descrita na dita Conservatória do Registo Predial sob o aludido número 602, a folhas 104 verso do respectivo livro B 2.º Comarca;

Que tal morada de casas, a que atribuem o valor de 10.000\$00, foi vendida à dissolvida sociedade Louros, Irmãos, Limitada, com sede em Nisa, por João Beato Palheta e mulher Maria do Rosário Ramalhete, por escritura de 17 de Outubro de 1951, lavrada a folhas 77 e seguintes do livro de notas respectivo número 35 deste Cartório Notarial;

Que, antes, da mesma morada de casas pertenceu uma quarta parte a Agostinho Pires da Rosa, criado de servir, e mulher Teresa Figueiredo, moradores que foram em Nisa, e os quais em data que se não pode precisar, venderam tal quarta parte, a José Dinis Tremoço, casado com Maria da Cruz Bizarro, pastor, morador que foi em Nisa, por documento particular que se extraiu e que não pode já ser reconstituído;

Que, depois, o mesmo José Dinis Tremoço, e sua mulher Maria da Cruz Bizarro, de ocupação doméstica, que também foi moradora em Nisa, por documento particular, neste acto exibido, de 16 de Agosto de 1908, venderam a mesma quarta parte a Manuel da Cruz Palheta, casado com Maria Basso Figueiredo, jornalista, morador que também foi em Nisa;

Que, entretanto, aquele Manuel da Cruz Palheta, por documento particular, também neste acto exibido, datado de 28 de Outubro de 1907, havia comprado aos conjugues José Maria Carita Rato, alfaiate, e Maria da Cruz Alcaide, de ocupação doméstica, também moradores que foram em Nisa, as restantes três quartas partes da mesma antiga morada de casas;

Que, depois, na partilha efectuada por óbito daquele Manuel da Cruz Palheta, há mais de 40 anos, entre a sua viúva Maria Basso Figueiredo e os seus filhos Francisco do Rosário Palheta, solteiro, Nazaré Joaquina Palheta e marido Simplicio Castanho, e o indicado João Beato Palheta e mulher Maria do Rosário Ramalhete, foi a totalidade da dita morada de casas adjudicada a este último casal, mas os ditos justificantes não sabem onde e como foi feito o respectivo documento de tal partilha, nem tampouco os próprios partilhantes o sabem já, nem há possibilidades de o averiguar;

Que, finalmente, na liquidação e partilha a que por escritura lavrada neste Cartório, em 31 de Dezembro último, a folhas 56 verso do respectivo livro de notas número 16 B, se procedeu em consequência da dissolução da indicada sociedade Louros, Irmãos, Limitada, foi a totalidade do já referido prédio urbano situado na rua Julio Basso, com os números 25, 25 A e 25 B e na rua Lourenço Dinis com o número 2, desta vila e concelho de Nisa, actualmente inscrito na matriz predial da freguesia do Espírito Santo sob o artigo 1.794 adjudicado aos referidos Joaquim Mendes Louro e mulher.

Este extracto está conforme o original.

Nisa, 16 de Fevereiro de 1965

A ajudante do Cartório Notarial,

Maria Tomásia da Conceição Alfaia